



## Os do tempo, os do rio.

Andréa Cristina Muraro<sup>1</sup>

*... retirou duas ou três conclusões:  
que um homem nem sempre está onde o  
corpo lhe impõe estar,  
e o importante na vida é como estar,  
não aonde.  
Na vida de cada um há quatro vidas ao  
todo:  
sozinho dentro de si ou perto ou longe  
dos seus  
e em contacto com os outros, da mesma  
forma, conforme.*

Ruy Duarte de Carvalho

In: *Como se o mundo não tivesse leste*

Se partirmos da orelha do livro *Desmedida*, de Ruy Duarte de Carvalho (1941) onde nos é anunciado que “o nosso país é aquele com o qual o nosso destino se mistura”, passamos a ter as múltiplas dimensões que a leitura desta obra pode nos oferecer, já que o subtítulo promete: *luanda – são paulo – são francisco e volta – Crónicas do Brasil* – e vem a cumprir - uma viagem pelo interior das pessoas, não só pelo rio, a partir das “cosmoagonias” do autor,

Meti-me nesta viagem, nestas viagens, uma através do São Francisco e outra através da produção de um livro, com a intenção e a certeza quase de que no fim delas haveria de alcançar alguma noção mais precisa de um Brasil que mexe comigo desde que me sei gente. Pode ser que sim e pode ser que não. Mas recolho e atravesso (p. 162).

Este é sem dúvida o mote que o autor perscruta ao longo das trezentas e tantas páginas, dividindo-as em primeira parte: “*Cendras*”, “*Paisagens*”, “*Burton’s*” e em sua segunda parte: “*Independências*”, “*Uma curva pela mão esquerda*”, “*Os agrestes nordestes*”. São títulos dilatados que se refratam, portanto, *já se vê sinais* para além do discurso do rio brasileiro. Ao fecho, uma bibliografia comentada, ou melhor, romanceada, que passa de Ernest Jünger a Antonio Candido, de Freyre a Capistrano de Abreu, de Bastide a Morin.

Ao angariar paisagens humanas e topográficas, Ruy Duarte de Carvalho acaba por nos deslocar por brasis que se bifurcam por angolas sem-fim, alinhavados somos pelo que nos legou os portugueses. Tudo assim no plural mesmo, pois a densidade da obra pede um olhar para sobreposições temporais e geográficas, já delineadas por ele em *Como se o mundo não tivesse leste* (1977), *Vou lá visitar pastores* (1999), *Os papéis do inglês* (2000), *Actas de Maianga* (2003), *Paisagens propícias* (2005); como antes e durante esses, em *Lavra – poesia reunida 1970 - 2000*.

À perspectiva de mapa feito de palavras, assim prefiro situar esta obra, já está em primeira página: “...a estória então, ou a viagem que tenho para contar, começaria assim... tem um lugar, dizia eu, tem um ponto no mapa do Brasil, tem um vértice...”, o que nos remete a um torvelinho de gêneros imbricados: biografias, epístolas, diálogos, colagens cinematográficas, isso tudo a mesclar-se em poeticidade latente que não nos permite definições. Mesmo porque a biografia do próprio autor nos arrebatava para a exploração e o deslocamento, portanto temos o viajante que se multiplica em cineasta, poeta,

romancista, professor que ensina a viagem, antropólogo, regente agrário encantado por terra e gado e gente.

É difícil pontuar um gênero quando o título da obra nos dá a noção de descomedimento textual, visto isso como qualidade, ruminada a partir do leitor- viajante de “certos livros”, tal como um remeiro do São Francisco de tempos navegáveis, o rio marcado no peito. E de uma viagem pelo São Francisco, matutada nestes livros certos durante anos, vai-se singrando por grandes sertões de Rosa, riobaldos, sertões de Euclides, conselheiros, pontos de partida e volta, na releitura.

No excesso do Brasil literário despontam sendas inusitadas: Chapada Gaúcha em Minas Gerais (“são gente branca e loira, e grande, volumosa que toma chimarrão na rua, com os vizinhos, ao cair da tarde, e fala de pioneiros, de colônia e de origens, embora não tão remotas assim...”), sertão descolado e colado dentro do próprio Brasil, discutido pelo autor como o espaço, “cultura de fronteira”; posto à prova pela realidade sentida em viagem, gosto de quem curte o couro, a pele de personagens vistos e lidos, de Lampião, padre Cícero, caudilhos e césares, peões de luta, sorriso de menina à porta, marias bonitas, diadorins, mulheres de Januária, Três Marias, Caruaru : cidades – vereda em meio ao rio.

O velho Chico do autor é um rio de memórias desagüadas: a idéia da transposição do rio foi dos primeiros portugueses, hoje é sinônimo de luta na greve de fome do bispo católico da cidade de Barra . Tal fato, para o traquejo do mais-velho narrador Ruy, é sinal para desandar histórias angolanas da Praia do Bispo. Ou ainda para contar dos deslocamentos de pastores ao longo do angolano rio Kunene e suas barragens. Paisagens cruzadas e refeitas pelas pontas do Atlântico: de memória, Recife às vezes é Benguela. São imagens dos de fora de nossa língua ...Saint-Hilaire, Langsdorff, Nassau e Rugendas; imagens dos de dentro de nossa fala... Zavagli, Aldemir Martins e Glauber. *desmedida* também é um livro de imagens, de cinema.

Há murmúrios sutis, vozes do passado, a letra de “mulher rendeira”, do grupo de Lampião, poeta e dançarino nas horas vagas. Ou canções em palavras de ordem, norteando nações: *Gabriela é camaradas* de Caymmi/Gal ou a *mulata que traz o chocalho amarrado na canela, morena, bichinha, danada, minha camarada, vem me ver...* de Chico Buarque, tudo entremeado sempre em “rasgo de ironia [que] se enquadrava na militante cena nacional” angolana após 1975.

Datas sobrepostas, ao longo da obra, tornam-se um *modus operandi* de quem tem uma incrível lucidez crítica sobre o mundo que habita poeticamente: 22 de fevereiro, fim da guerra em Angola; 22 de fevereiro, morte de Lampião, tomada do corpo de Conselheiro. “Não se nasce *jaga*”, nos ensina o narrador, não se nasce cangaceiro, “o jagunço não é salteador, é homem de guerra”, “são coisas afinal da vida verdadeira” “e quem andou em guerras, e até guerras ‘justas’, sabe disso”. Em *desmedida*, poética é política, como toda boa literatura deve ser.

Dos tempos acumulados às cidades do subtítulo: Luanda também nasce “São Paulo de Loanda” a 25 de janeiro, antes da São Paulo brasileira nascida em 1554. Feito um mapa lírico, o autor constrói São Paulo em meio a leituras de Cendrars, Burton, Paulo Prado, entre os inúmeros ilustres esquecidos e evocados pelo texto.

No decurso das páginas, vemo-nos entre os rios de Piratininga, Nóbrega, Tomé de Souza, de cá do Atlântico. Os olhos do cidadão angolano revelam o que para muito paulista, hoje, pode ser apenas nomes de ruas: Theodoro Sampaio, Cardoso de Almeida, João Ramalho, Fernão Dias Paes. Entretanto, o “recorte” rende o narrador a São Paulo, seu *quintal metafísico* regado a café e a modernistas antropófagos (subtítulo do primeiro capítulo: “jantar”).

Alimento do autor, as leituras sobre os bandeirantes mostram como esse impulso inicial fez da capital paulista “a rampa de lançamento” do Brasil e de um novo tempo com o qual lidamos por hora, a globalização “e o que fazer com ela”. Tais liames possíveis

forjam-se nos primeiros tempos de adentramento ao rio São Francisco, “de gente a habitá-lo e a vivê-lo [...] a circular-lhes pelas artérias dos humores vitais, a correr-lhes pelas veias e pelas vias, pelas torrentes das memórias, culturais e genéticas”. São mostras das voltas do autor: “e por volta de 1580 foi fundado o aldeamento de Nossa Senhora da Conceição, em Guarulhos, que é onde aterram os voos internacionais.”

Na senda, sempre, de possíveis interações com Luanda, Ruy Duarte de Carvalho lê em Cadornega uma rainha Jinga e seus efeitos em Hegel e Sade, assim como o inusitadamente alinhavado Salvador Correia de Sá a expulsar holandeses lá e cá em litorais, de ontem e de hoje:

Aqui bem perto de onde, debruçado da minha varanda, olho para Luanda, já que habito é na Maianga, aqui é que os holandeses, logo depois de terem ocupado a fortaleza do morro de São Paulo tão facilmente abandonada pelos portugueses e deixada à sua mercê, passaram a ter que abastecer-se de água. Por aqui abaixo, ao longo da linha de água que é hoje o chamado e celebrado Rio-Seco, calha de escoamento de enxurradas, é que se alongava o pântano de lamas que era conhecido por lagoa dos elefantes e donde, à falta de outra fonte de água quando falhava o abastecimento na foz do Bengo...”(p .218).

São paisagens cruzadas de gente *remendando* rios a mares,

Na cidade de São Francisco, dos varandins do porto, foi onde, às tardes mortas, muito me deixei instruir na ciência que busco há muito tempo por todo lugar onde o silêncio é propício...Vi gente a banhar-se em farrapos de rio lambido já pelas línguas da noite a vir, a devorar o brilho por camadas... ou então eram as barcas a ganhar distância esvaídas por torrentes de uma pele sanguínea...e as barcas se afundavam na distância lilás que se fundia às sombras que abismavam o rio e tudo assim, (p. 94)

Mais do que os deslocamentos humanos, é pulsante em *desmedida*, a maneira como a língua portuguesa atravessa e carrega discursos vários, de como é manejada para falar e escrever a hipotéticos ou reais leitores e ouvintes, constantemente evocados a comparecer à prosa do rio: “Nós estamos é juntos, Paulino, no vaivém

das balsas, atlânticas até.” Ou a esperar pela prosa do rio: “coisas que eu ando a agarrar para depois lhe contar mais à frente”.

*Desmedida*<sup>2</sup> é obra de “vir aos lugares não para vê-los só, nem só para reconstituir-lhes passados, nem registrar presentes, mas para cobrar-lhes futuros também”. É este o tom que perpassa as Crónicas do Brasil, do *chronos*, ora a modos de Ulysses, ora a modos de missosso angolano:

“...e tem outros que não li, ouvi contar”.

CARVALHO, Ruy Duarte. *Desmedida* – Luanda, São Paulo, São Francisco e volta – Crónicas do Brasil – Crónicas do Brasil. Lisboa: Cotovia, 2006.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo (USP). Projeto: Mapas poéticos de Luanda. E-mail: [a.muraro@uol.com.br](mailto:a.muraro@uol.com.br)

<sup>2</sup> Ruy Duarte recebeu, em fevereiro de 2008, o prêmio literário de Casino de Póvoa, em Portugal, por *Desmedida*.